



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CENTRO DE HUMANIDADES CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”
DE MACHADO DE ASSIS**

DARDA BARBOSA DE SOUZA

**GUARABIRA/PB
2017**

**A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”
DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Eduardo Henrique Cirilo Valones

**A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”
DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

3719i Souza, Darda Barbosa de.
A ironia no conto A igreja do Diabo de Machado de Assis
[manuscrito] : / Darda Barbosa de Souza. - 2017.
25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

1. Ironia. 2. Conto. 3. Obra Machadiana. 4. Análise
Literária.

21. ed. CDD B869.3

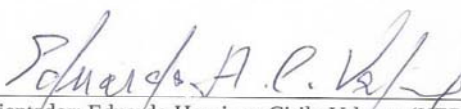
DARDA BARBOSA DE SOUZA


**A IRONIA NO CONTO "A IGREJA DO DIABO"
DE MACHADO DE ASSIS**

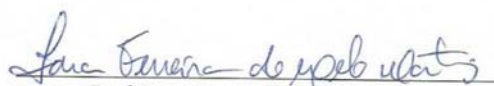
Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito para obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 07/12/2017.

BANCA EXAMINADORA


Orientador: Eduardo Henrique Cirilo Valões (UEPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Iara Ferreira de Melo Martins
Universidade estadual da Paraíba (UEPB)

Com a ironia você sai do reino do verdadeiro e do falso e entra no reino do ditoso e desditoso – de que maneiras vão além do que sugere o uso desses termos na teoria dos atos da fala. A ironia remove as certezas de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem. (Linda Hutcheon)

A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO” DE MACHADO DE ASSIS

RESUMO

O conto “A Igreja do Diabo”, de Machado de Assis, publicado em 1884, apresenta um interessante diálogo entre Deus e o Diabo, mediante a ideia de o Diabo fundar a sua própria igreja para confrontar as leis de Deus. Através do recurso da ironia, o autor possibilita a construção de vários posicionamentos, visto que estimula uma profunda reflexão sobre a essência da humanidade, ao mesmo tempo em que faz uma crítica sobre a religião e a sociedade da época. Através de uma pesquisa qualitativa, o presente artigo pretende analisar a presença da ironia dentro do conto, analisando o pensamento de Machado sobre a natural contradição humana e fazendo ainda uma breve explanação sobre a o realismo e a importância da obra machadiana para a literatura brasileira. Para tal, fez-se necessário o aporte teórico de alguns estudiosos sobre os temas em questão, como Silva (2005), Lopes (1995), Bosi (2000), entre outros.

Palavras-chave: Ironia; Obra Machadiana; Conto; Análise.

ABSTRACT

The short story "The Church of the Devil" by Machado de Assis, published in 1884, presents an interesting dialogue between God and the Devil, through the idea of the Devil founding his own church to confront the laws of God. Through the use of irony, the author allows the construction of several positions, since it stimulates a deep reflection on the essence of humanity, while at the same time criticizing the religion and society of the time. Through a qualitative research, the present article intends to analyze the presence of the irony within the story, analyzing Machado 's thinking about the natural human contradiction and also making a brief explanation about the realism and the importance of Machado' s work for Brazilian literature. In order to do so, it was necessary the theoretical contribution of some scholars on the topics in question, such as Silva (20^o5), Lopes (1995), Bosi (2000), among others.

Keywords: Irony; Machadian Work; Tale; Analysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A IRONIA COMO RECURSO LITERÁRIO	9
3	O REALISMO DE MACHADO	13
	3.1 Breve histórico sobre o realismo brasileiro	13
	3.2 Obra Machadiana	15
4	A ESSÊNCIA DA HUMANIDADE	17
5	A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”	19
6	CONCLUSÃO	22
7	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

“A Igreja do Diabo”, conto de Machado de Assis publicado em 1884, é dividido em quatro capítulos claramente marcados pela *ironia*, figura de linguagem tão presente nas obras machadianas. A obra pertence ao Realismo, escola caracterizada pelas constantes críticas à humanidade e à sociedade. Machado, com sua vasta e ilustre contribuição à literatura brasileira, diferentemente de alguns autores do movimento realista que se preocupavam mais com a descrição e a exaltação das paisagens brasileiras, apresentava o ser humano em sua essência, profundamente, com suas contradições e características, expondo a diferença entre o que as pessoas realmente são e o que aparentam ser (essência x aparência). Suas obras sempre levam o leitor à reflexão não apenas sobre as ações dos outros, mas também sobre as suas próprias ações e sentimentos.

O conto já chama a atenção do leitor pelo título forte e envolvente que traz por si só a abordagem de um tema que abstrai o efeito do tempo: a humanidade e suas naturais contradições. Uma leitura bastante reflexiva e um tanto divertida dependendo do ponto de vista do leitor, visto que faz uma crítica com toques de irreverência às instituições religiosas e à própria essência humana, e em alguns momentos faz uso do recurso da intertextualidade, como por exemplo, os pecados capitais citados pelo diabo.

A obra conta a história do momento em que o diabo cansado de levar uma “vida infernal” chata e desorganizada, decide fundar a sua própria igreja na terra com suas próprias regras e rituais. Ele, numa posição de enfrentamento, comunica a sua decisão a Deus (que sempre é apresentado de uma maneira paciente e sábia) através de diálogos descritos no conto; critica a fragilidade das religiões e afirma a facilidade em encontrar seguidores da sua doutrina que seria única, contra todas. Isso fica claro no primeiro capítulo quando repleto de ironia, diz: “[...] enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar: há só um de negar tudo”.

O diabo quis promover um confronto com todas as religiões e estabelecer regras suficientemente capazes de detonar as regras de Deus. A sua intenção era fundar uma igreja onde todas as ações condenáveis aos olhos de Deus fossem permitidas, e a bondade fosse proibida. Ou seja, a ideia era ser *contrário*. Ironiza a salvação, comparando-a a um comércio ao dizer que o preço para tê-la é muito alto, pois as leis de Deus não são muito fáceis de serem cumpridas: “[...] Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto...”; o que também pode ser entendido como uma crítica às igrejas que dizem trazer a salvação para os fiéis em troca da oferta.

Acreditou ter como vantagem uma doutrina que estimulava todos os tipos de atitudes desonestas e promovia prazeres mundanos à vontade; conseguiu concentrar um grande número de fiéis e tornou-se um sucesso em pouco tempo. Contudo, os que adotaram suas doutrinas, o derrotavam às escondidas com pequenas ou grandes bondades, como se não resistissem aos limites impostos por ele ou por qualquer outro – o que o deixou bastante aborrecido. E então, numa conversa com Deus para tentar entender o motivo pelo qual tal situação acontecia, o diabo tem a resposta que também finaliza o conto: “É a eterna contradição humana”.

Nessa obra, apesar de o título nos remeter rapidamente à igreja e ao diabo, apresenta como tema central: a essência da *humanidade*. Machado de uma maneira bastante inteligente e sagaz nos faz refletir sobre a ideia de que a humanidade não deve ser considerada completamente boa ou má, mas, contraditória por natureza, ou seja, cada pessoa nasce com o bem e com o mal e pratica essas duas ações durante toda a vida, podendo ser facilmente corrompida pelo meio em que vive.

Para o desenvolvimento deste artigo, contamos com o aporte teórico de alguns estudiosos sobre o tema, como Silva (2005), Lopes (1995), Bosi (2000), entre outros. Inicialmente, este estudo apresenta a ironia como recurso literário; em seguida, apresenta um breve histórico sobre o realismo brasileiro e a obra machadiana; mais adiante faz uma explanação sobre a essência da humanidade e por fim traz a ironia encontrada no conto “A igreja do Diabo”.

2 A IRONIA COMO RECURSO LITERÁRIO

A ironia é uma figura de linguagem que consiste em dar um sentido contrário ao que pensamos com a intenção de provocar alguma reação no leitor/interlocutor, um disfarce de uma coisa por outra; geralmente é crítica e impressionista. É derivada do latim *ironia*, originada do grego *eironeia*, que significa “perguntar fingindo não saber a resposta”, “disfarce”, “dissimulação”¹. Com um conceito vasto, aberto a inúmeras interpretações, a ironia existe na comunicação há bastante tempo, através do filósofo grego Sócrates (séc. IV), mas ainda é muito incompreendida por muitos, e hoje é muito presente na sociedade contemporânea.

Geralmente utiliza-se a ironia para sugerir questionamentos ou discordâncias, contudo, sua intenção vai além do dicionário, já que podemos encontrá-la num discurso, mesmo sem intenção. Possui um componente imprescindível para que surta o efeito esperado: o contexto.

¹ Site: Figuras de linguagem. Disponível em: www.figurasdelinguagem.com/ironia/. Acesso em: 27/09/2017.

A ironia precisa ser interpretada e compreendida dentro do contexto, podendo às vezes nem ser percebida. De acordo com Brait (2008), o humor, a paródia, a intertextualidade e a ambiguidade estruturam o discurso irônico e contribuem para o que a ironia pretende transmitir. Trata-se de uma mensagem implícita repleta de “críticas indiretas” para ressaltar “verdades” e desvios de normas sociais ou estéticas, envolve sentimentos como dissimulação, diversão, prazer, dor e, por isso, é vista por alguns teóricos como uma comunicação de risco.

A ironia introduziu-se nas palavras e nas formas (sobretudo nas formas sintáticas: a ironia destruiu, por exemplo, a pesada oração enfática do discurso). A ironia insinuou-- se em toda parte, é atestada em todos os seus aspectos: desde a ironia ínfima, imperceptível, até a zombaria declarada, O homem moderno já não proclama, nem declama, fala, e fala com restrições (BAKHTIN, 2003, p. 371)

Backtin (2003), trata a ironia como um recurso que já está naturalmente ligado à comunicação, seja ela oral ou escrita. Ela está em toda a parte, seja de uma maneira escancarada ou discretamente; através da ironia muitos discursos perderam o peso, muitos textos continuam leves, apesar de insinuarem questões difíceis de serem abordadas.

Frequentemente encontramos o recurso da ironia em diversos tipos de textos, não apenas literários, mas em conversas cotidianas, na internet, em programas de entretenimento, nos textos acadêmicos e jornalísticos e nos mais diversos assuntos. E, além da escrita e da fala, a ironia também está presente em gestos, ações, pinturas, desenhos, em comportamentos, etc. Certamente já fizemos uso da ironia para expressarmos algo contrário, seja entre conhecidos ou de maneira mais formal. Qualquer pessoa pode utilizar a ironia, assim como pode tornar-se alvo dela.

Todo texto deseja prender o leitor, e a ironia é capaz de exercer muito bem essa função porque é uma figura que o leitor aprecia por confrontar, muitas vezes, com uma ideia ou pessoa. Conseguindo ser realmente compreendida, a ironia instiga e possibilita a abertura de uma reflexão acerca do assunto abordado. Toda ironia é feita com uma determinada intenção, e cabe a quem vai recebê-la identificar a sua presença e compreendê-la. A ironia valoriza o autor e apresenta uma clara ligação com a superioridade, isso fica claro quando deseja diminuir o outro e se utiliza de elogios exagerados e incoerentes com a realidade.

A ironia “protege” o sujeito que a utiliza, visto que falando claramente o que pensa pode tornar o discurso agressivo. Segundo Muecke (1995), além da definição de que é dizer uma coisa e dar a entender o contrário, a ironia pode também ser definida como a busca por dizer algo que venha a instigar uma série de interpretações subversivas sobre o que foi dito. É uma argumentação feita de maneira sagaz e intelectual, baseada na intenção de despertar uma

reflexão sobre a mensagem que está sendo transmitida. Por meio da irreverência, a ironia nos convida a refletir, por meio do icônico e do verbal, sobre algo sério.

Ousada, provocante e irritante, são algumas das características dadas para a ironia; expressa um humor mais ácido, sarcástico e, por isso, é necessário utilizá-la de maneira inteligente para não provocar situações complicadas e de difícil solução. Esteves (2009, p. 22) diz que a ironia estabelece uma “relação estreita entre o dito e o espirituoso, o gracejo humorado, até ao sarcasmo quase cínico, numa relação íntima com o humor”. Alguns teóricos a definem como uma figura que, se usada visando as questões contextuais de maneira adequada, e com o devido bom senso, possibilita um grande enriquecimento da fala e da escrita, visto que compreende um recurso expressivo que trabalha com a crítica.

De acordo com Silva (2005), para que haja ironia é necessário que:

os intérpretes sejam capazes de reconhecer que o significado de um texto dito não é o significado de quem produziu o texto. Ela é um recurso que evidencia a relação dialógica da linguagem, ou a presença do outro, propondo novos valores, sem que os anteriores sejam apagados. O reconhecimento do texto irônico está ligado a vários fatores, como: 1) falta muito evidente de combinação entre o que se quer dizer e o que foi dito; 2) indicação no tom da voz do falante, e; 3) pressuposto dos intérpretes sobre quem está falando. (p.46)

Utilizar a ironia é atacar, mas ao mesmo tempo é buscar apoio para o que critica. “O ironista, o produtor da ironia, encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso e, por meio desse procedimento, contar com sua adesão. Sem isso a ironia não se realiza” (Brait, 1996, p. 138). A ironia é muitas vezes confundida com a antífrase, a sátira e a hipocrisia, pela semelhança que possuem. Segundo alguns estudiosos, a ironia pode ser classificada de três maneiras²:

- Ironia **oral**, que é o contraste entre o discurso e a intenção;
- Ironia **dramática/satírica**, o contraste entre a expressão e a compreensão;
- Ironia **de situação**, o contraste entre a intenção e o resultado da ação.

Para Maria de Lourdes A. Ferraz, em sua obra “A ironia romântica”, a ironia:

[...] pressupõe um ato de comunicação que envolva um emissor, uma mensagem e um receptor; revela uma visão particular do mundo, a do emissor, e daí o seu caráter preferencialmente crítico; por pressupor um ato comunicativo e por seu caráter crítico, a ironia se relaciona com a linguagem de uma forma muito particular, pois exigirá do emissor irônico uma plena consciência dos recursos da linguagem que utiliza, isto é, uma consciência linguística crítica. Do receptor será exigida a mesma consciência, assim como um conhecimento amplo dos recursos linguísticos de que se utiliza o emissor para a construção da ironia; da questão anterior, decorre que

² Site Toda a Matéria – Sarcasmo e Ironia. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sarcasmo-e-ironia/>. Acesso em: 27/07/2017.

haverá a necessidade, no discurso irônico, de que emissor e receptor dominem a convenção da formulação irônica. Atente-se para o fato de que o receptor poderá ou não ser o objeto da ironia. Independente disso, para o discurso irônico acontecer e ser reconhecido como tal é necessário que haja um receptor que o compreenda. Mesmo que o receptor seja o próprio emissor (FERRAZ, 1985, p. 20).

Em qualquer texto que apresente o uso da ironia, há uma intenção guardada. Entretanto, nem sempre essa intenção será compreendida, não pela falta de interpretação, mas pela falta de conhecimento com determinado assunto pertencente a um contexto histórico particular de uma região ou grupo. “A ironia requer de seu produtor uma familiaridade muito grande com os elementos a serem ironizados” (BRAIT, 1996, p. 129). Portanto, para que essa figura linguística seja compreendida, é necessário que haja domínio de contexto/situação, possibilitando uma interação entre as partes.

Muecke (1995), tem uma explicação que dá sentido a isso:

o conceito de ironia é vago, instável e multiforme. A palavra “ironia” não quer dizer agora apenas o que significava nos séculos anteriores, não quer dizer num país tudo o que pode significar em outro, tampouco na rua o que pode significar na sala de estudos, nem para um estudioso o que pode querer dizer para outro. Os diferentes fenômenos a que se aplica a palavra podem parecer ter uma relação muito fraca. (MUECKE, 1995, p. 22)

O texto irônico requer um olhar atento do leitor para compreender o que existe por trás daquela subjetividade. Há a chamada ironia leve, que algumas pessoas possuem naturalmente e que possuem um tom mais de brincadeira, mas há também a ironia que corta e fere, desprovida de humor, vista por muitos como um grande defeito que traz alguns problemas entre os envolvidos.

A presença da ironia nas entrelinhas de um texto exerce a função de rebater, pressionar, “julgar”, gerar dúvidas e polêmicas, chamar a atenção e contribuir para que se construam outros pensamentos sobre o que está sendo ironizado. É um “sem querer querendo” que alerta para erros, para a hipocrisia, uma maneira de expressar discordância sobre alguém ou alguma coisa sem ser direto, apenas conhecedor da situação. Ao tratar a ironia como recurso na construção de um texto, o autor estimula o leitor a buscar pela crítica escrita que está subjetivamente entre as palavras, dando uma maior riqueza de significados e interpretações à leitura.

A ironia é um recurso bastante encontrado na literatura realista, que escrevia sobre a realidade da sociedade da época e escrevia personagens simples, trabalhadores, com realidades distintas dos personagens românticos, idealizadores e perfeitos. Através da ironia, os escritores realistas, como Machado de Assis, apontavam as mazelas sociais e despertavam o interesse dos leitores para uma leitura real, sem ilusões, sem a maquiagem de uma vida que só existia na burguesia.

3 O REALISMO DE MACHADO

Neste tópico, abordaremos o realismo brasileiro num breve contexto histórico, sua origem, suas características e principais autores. Em seguida, apresentaremos um pouco da obra de Machado de Assis e a sua relevância para o cenário da literatura brasileira de um modo geral, sendo considerado um dos destaques da literatura realista brasileira, com suas obras repletas de críticas sobre a realidade da sociedade da segunda metade do século XIX.

3.1 Breve histórico sobre o realismo brasileiro

O Realismo brasileiro surgiu em 1881, marcado pela obra *Memórias Póstumas de Brás Cubá*, de Machado de Assis. Uma escola literária que trouxe à tona autores que são reconhecidos até hoje. Em oposição ao Romantismo, que tratava dos sentimentos e emoções interiores, o realismo descrevia o mundo tal como ele era, de maneira objetiva, fazendo críticas à sociedade da época de um modo real e coerente, o que justifica o próprio nome: *Realismo*. “...do romantismo ao realismo, houve uma passagem do vago ao típico, do idealizante ao factual” (BOSI, 2000, p.173).

Havia uma profunda análise psicológica nos personagens em narrativas bastante detalhadas, sem recorrer à ilusão ou ao sentimentalismo profundo. Diferentemente da Europa, o realismo no Brasil não surgiu com o fim do romantismo, mas diante do contexto social negativo que o País enfrentava (mudanças nos âmbitos social, político e econômico, com a ascensão da indústria e o declínio da aristocracia/escravatura). A sensação pessimista que existia sobre a sociedade influenciou os escritores a produzirem sobre a real situação do povo brasileiro. Havia um compromisso com a verdade nua e crua, de modo que, temas como prostituição, traição e crimes eram muito descritos nas obras.

As características do realismo estavam intimamente relacionadas com as teorias modernas vindas da Europa, no que diz respeito ao positivismo, socialismo e evolucionismo. São características do Realismo: *objetividade* (a realidade observada, analisada e descrita, sem representações); *racionalismo* (a interpretação realizada mediante a razão); *materialismo* (fundamentado na realidade material); *organicidade* (relação entre o homem, universo e natureza, leis e princípios que os regem); *contemporaneidade* (o que realmente interessa é o momento vivido pelo presente).

Ao contrário do romantismo, os cenários são urbanos e há uma valorização maior do ambiente social. Predomina uma linguagem direta, sem preocupações estéticas exageradas, e o amor e casamento são descritos como uma subordinação aos interesses sociais, algo relacionado à aparência e não ao sentimento. A figura masculina passa a não ser mais

idealizada, mas, exposta como um homem que também tem suas fraquezas e que busca uma saída para os problemas que enfrenta. Os personagens da literatura realista são, na maioria das vezes, pessoas simples, com diferentes etnias, condições físicas e sociais³. Os escritores realistas eram considerados antimonárquicos, antiburgueses, e anticlericais, visto que criticavam a monarquia, denunciavam a hipocrisia burguesia e defendiam a separação entre Estado e religião

A imagem abaixo apresenta um resumo prático sobre o contexto histórico do realismo, os principais autores e as características:



Fonte: <https://www.resumoescolar.com.br/literatura/resumo-do-realismo-no-brasil/>

O realismo na literatura brasileira preocupava-se em descrever os conflitos sociais e psicológicos da humanidade. "O escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento" (Bosi, 2004, p.169).

Alguns autores foram destaque no realismo: Raul Pompeia ("O Ateneu"), Aluísio de Azevedo ("O Cortiço"), Inglês de Souza, Domingos Olímpio, Adolfo Caminha e o grande Machado de Assis, considerado o principal escritor do período, marcando a literatura brasileira com obras admiradas até hoje.

³ Mundo Educação. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/realismo.htm>. Acesso em: 03/10/2017.

3.2 Obra Machadiana

O escritor Machado de Assis (1839 – 1908) foi um expoente do período realista, homem de origem humilde, nascido no Rio de Janeiro, autor da melhor prosa do século XIX e considerado um dos melhores escritores da Literatura Brasileira. Foi nomeado presidente da Academia Brasileira de Letras e desenvolveu um estilo especialmente direcionado a leitores com personalidade. Toda a sua obra se resume em: nove romances, sete livros de contos, quatro livros de poesias, onze peças teatrais, dezessete de algumas obras póstumas e quatro antologias, tendo ainda suas mais importantes obras traduzidas para diversas línguas.

“Escritor acima de tudo, Machado de Assis foi um cidadão que oscilou entre a burocracia, que lhe marcou a trajetória no funcionalismo público, e a literatura que, certamente o encantava e incentivava” (CAMPEDELLI, 1995 p. 11).

Campedelli (1995) destaca Machado de Assis não apenas como um grande escritor brasileiro, mas um cidadão decente, preocupado com as causas sociais. Apesar da sua grande paixão pela escrita, algo que lhe deu a possibilidade de se expressar e abrir os olhos da sociedade para muitas questões sociais até então ignoradas, sua vida oscilou entre a literatura e o seu trabalho como funcionário público.

Sua obra é admirada por todos até hoje e pode ser dividida em duas fases: a primeira, **fase romântica**, quando ele fala sobre os sentimentos humanos, as crenças e os valores da época; e a segunda, **fase realista**, quando Machado descreve a realidade do homem, suas necessidades, defeitos e qualidades, abrindo espaço para a discussão dos valores sociais e psicológicos.

Na fase realista, Machado de Assis mudou a visão de mundo dos leitores que estavam acostumados com uma literatura que mascarava as mazelas sociais que a maioria menos desfavorecida enfrentava. Há muito o que se explorar na obra machadiana, pois ela oferece caminhos ocultos, profundos, estimulando a discussão e a reflexão do leitor. "O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira, acha-se na ficção de Machado de Assis" (BOSI, 2000, p.174).

Machado não se prendia aos padrões impostos pela sociedade daquela época, o seu trabalho é repleto de críticas e ironias em relação ao que queria retratar, uma obra inovadora caracterizada pela intertextualidade, metalinguagem e descrição realista dos valores humanos, que conquistou um vasto número de leitores e admiradores.

a fase madura de Machado de Assis revela um escritor preocupado em transcender as angústias mais prementes da sobrevivência material (o que se percebe em seus personagens) na ânsia de atingir a rarefeita atmosfera das análises sutis e das verdades labirínticas ligadas as misérias e grandezas da condição humana (LOPEZ, 1995, p.51).

A obra de Machado de Assis retrata os caminhos da alma, tendo como referências o sol, a luz, o tempo, o espaço, a música, a harmonia, o bem, o desejo, a vontade, o destino, as máscaras, a sociedade (Nestrovski, 1996). Algumas das obras machadianas mais famosas são: *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908); e os contos “O alienista”, “A cartomante”, “Missa do galo”, “Uns braços”, “O espelho”, “Cantiga de esponsais”, “Teoria do medalhão”, “A causa secreta”.

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado apropria-se das características do realismo e já conduz o leitor para uma consciência crítica através da ironia (recurso bastante característico nas obras dele), e faz duras críticas à sociedade da época. Considerado o primeiro romance realista brasileiro, a obra apresenta um romance psicológico, que tem como personagem principal um “defunto-autor” chamado “Brás-Cuba”, que expõe suas experiências e posicionamentos pessoais de maneira irônica e sarcástica.

Bosi (2004), ressalta a importância da obra para a literatura brasileira:

A revolução dessa obra que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas (BOSI, 2000, p.177)

A obra de Machado de Assis⁴:

- *ROMANCES*

Ressurreição (1872); *A Mão e a Luva* (1874); *Helena* (1876); *Iaiá Garcia* (1878); *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esaú e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908);

- *CONTOS*

Contos Fluminenses (1870); *Histórias da Meia-Noite* (1873); *Papéis Avulsos* (1882); *Histórias sem Data* (1884); *Várias Histórias* (1896); *Páginas Recolhidas* (1899); *Relíquias da Casa Velha* (1906);

- *POESIA*

Crisálidas (1864); *Falenas* (1870); *Americanas* (1875); *Poesias Completas* (1901);

- *TEATRO*

Desencantos (1861); *Quase Ministro* (1862); *O Caminho da Porta* (1863); *O Protocolo*

⁴ Machado de Assis, um autor à frente do seu tempo. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/machado-de-assis-um-autor-a-frente-de-seu-tempo/#>. Acesso em: 03/10/2017.

(1863); Deuses de Casaca (1866); Tu, Só Tu, Puro Amor (1881); Não Consultes Médico (1896); Lição de Botânica (1906);

- *ALGUMAS OBRAS PÓSTUMAS*

Crítica (1910); Teatro coligido (1910); Outras relíquias (1921); Correspondência (1932); A semana (1914/1937); Páginas escolhidas (1921); Novas relíquias, (1932); Crônicas, (1937); Contos Fluminenses - 2º. volume (1937); Crítica literária, (1937); Crítica teatral (1937); Histórias românticas, (1937); Páginas esquecidas (1939); Casa velha (1944); Diálogos e reflexões de um relojoeiro (1956); Crônicas de Lélío, 1958; Conto de escola (2002).

- *ANTOLOGIAS*

Obras completas (31 volumes) (1936); Contos e crônicas (1958); Contos esparsos (1966); Contos: Uma Antologia (02 volumes) (1998).

Com uma ironia que é característica do seu trabalho, Machado coloca nas entrelinhas dos seus textos, questões que o leitor só compreenderá se identificar a irreverência com que ele trata algumas questões. Fala do homem, da política, da economia, das transformações sociais, com objetividade. O próprio Machado de Assis explica claramente o que pretende com seu jeito de escrever: "... eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. (MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria, A semana, Gazeta de notícias, 1994).

O leitor diante da literatura machadiana se sente instigado, confrontado a entender o que ele quer dizer, ele aguça a curiosidade e releva fatos que nem todos têm coragem de expressar. Vale salientar que apesar do tom irônico e crítico, Machado não impõe suas opiniões, não assume uma determinada posição, não se engaja politicamente, ele apenas discursa sobre o que acredita e dá a possibilidade das muitas interpretações sobre um determinado assunto. Machado abre possibilidades de argumentação, fornece a capacidade que o ser humano tem de ter a sua própria visão dos fatos, discordar ou concordar. Desse modo, ele estabelece um diálogo com os seus leitores, confrontando-os com os diferentes pontos de vista.

4 A ESSÊNCIA DA HUMANIDADE

Essência é tudo aquilo do qual fomos feitos, ou seja, indispensável para que algo seja considerado o que é. Mas, qual é a essência da humanidade? O ser humano é essencialmente bom ou mau? Se refletirmos sobre esses questionamentos, certamente obteremos milhares de

respostas, de acordo com nossas experiências de vida, nossas observações e a nossa visão de mundo.

Filósofos e teólogos sempre dividiram opiniões a respeito de tais questões: segundo Rousseau, o homem nasce bom e a sociedade o vicia; Hobbes afirma que o homem é mau, perverso e egoísta; Santo Agostinho compreende que, sendo o homem imagem e semelhança do Criador, ele é essencialmente bom e capaz de amar; para Nietzsche, o conceito de bom ou mau na esfera moral não possui sentido em si mesmo, de modo que nada, em sua essência, é objetivamente bom e tampouco mau (LETTIERI, 2014).

Há ainda a ideia de que o homem nasce neutro e vai se moldando conforme a sociedade, a vida que leva. Enfim, há muitos conceitos diferenciados sobre a essência do homem, entretanto, há de se considerar que se o homem traz em si a bondade e maldade e a sua vida é oscilar entre os dois, então, cabe pensarmos que tudo é uma questão de escolha. Se posso ser bom ou mau, então, diante de uma situação, posso escolher como agir, o que sentir... controlando meus instintos.

Machado de Assis ficou conhecido como um autor que estava sempre “à frente do seu tempo”, e uma das razões para isso deve-se ao fato de que em suas obras ele tratava a humanidade de maneira intrínseca, expunha a complexidade do “eu” que está presente, embora de maneira discreta, na vida de todos nós. Machado trouxe a essência do ser humano para as suas narrativas e cativou leitores ao contar o que eles sentiam, como encaravam suas vidas, seus defeitos, qualidades, seus problemas, suas características boas ou más, mas que ninguém nunca se atreveu a fazer disso uma exposição nua e crua. Sem pedir permissão, escancarou a realidade, o íntimo humano, dispensando a hipocrisia e despertando reações agradáveis e desagradáveis.

A obra machadiana sempre evoca a reflexão da questão de nascermos com o bem e o mal e a questão de sermos corrompidos pelo meio em que vivemos, a *nature X nurture*. Vê-se também em todas as obras de Machado, sua maneira negativa de enxergar a alma humana, como corruptível e, não importando como ou com o quê, nunca se sente satisfeita. (COELHO, 2009.)

Escreveu sobre tudo que de fato faz parte da vida do homem e sua existência. A natureza humana estruturou grande parte da obra machadiana e por esse motivo suas obras são lidas e escolhidas para currículos acadêmicos de formação, mesmo apesar dos séculos, porque fala daquilo que é tão real e próprio na humanidade, que se torna imutável. Machado toca na ferida, expõe a podridão e as mazelas de uma sociedade que preferia camuflar seus problemas e escondê-los debaixo do tapete. Ler Machado de Assis é mergulhar na condição

humana, é estar diante “da obra de um pensador, de um moralista, de um filósofo, e, principalmente, de um artista” (PUJOL, 2007, p.122).

No conto “A Igreja do Diabo”, Machado expõe a contradição humana a partir do momento em que narra a indignação do Diabo ao fundar a sua Igreja e perceber que seus fiéis ainda continuavam praticando boas ações às escondidas, ou seja, as mesmas pessoas que se satisfaziam com o pecado também seguiam as escrituras de Deus. Em outras palavras, todo homem santo tem algo de pecador, e vice-versa. Machado declara que a humanidade não é completamente boa e nem completamente má, mas que oscila entre uma coisa e outra no decorrer da vida. Freud, através da psicanálise afirma essa contradição de que ao mesmo tempo em que o ser humano pode ser amável em um determinado momento, também pode ser hostil em outro, mesmo que inconscientemente. “Essa ambivalência se acha, em maior ou menor grau, na constituição de todo indivíduo.” (FREUD, 1912/2013, p. 58).

Analisando o conto, compreendemos que o ser humano (segundo Machado) sabe que para viver em sociedade necessita reprimir alguns dos seus desejos, vontades e pecados, contudo, nada disso deixa de existir na sua intimidade. Um esconderijo não significa esquecer, apenas, reprimir. E escondendo suas vontades não muito aceitas pela sociedade, o ser humano entra em um conflito interno e busca de alguma maneira satisfazer seus desejos. Freud (1930) diz que quanto mais uma coisa é proibida, mas ela é desejada. Através da igreja do diabo, o autor deixa claro a incapacidade humana de seguir um extremo, visto que a humanidade está sempre entre o bem e o mal, sem seguir apenas um.

Machado explica em suas narrativas, especialmente no referido conto, que o ser humano possui inclinação para a transgressão, vive circulando entre maldades e bondades. Em alguns casos, de maneira mais explícita e intensa, em outros, de uma maneira muito discreta e controlada, mas, sempre presente. Seu olhar sempre se dirigiu ao comportamento humano e sua obra foi além das relações familiares, convenções sociais e econômicas, desvendando de maneira surpreendente, a alma humana.

5 A IRONIA NO CONTO “A IGREJA DO DIABO”

Como já foi dito anteriormente, a ironia construída de uma maneira tão inteligente por Machado é um dos recursos utilizados para tornar as suas obras ainda mais geniais. Estruturado em quatro capítulos, sendo eles: I – De uma ideia mirífica; II – Entre Deus e o Diabo; III – A boa nova aos homens e IV – Franjas e franjas, o conto “A igreja do diabo”, apesar de curto, expressa de uma só vez uma crítica ao comportamento da Igreja Católica, à burguesia e à fraqueza humana.

Dentro do conto encontramos a ironia em diversos trechos. Dentre eles, destaco os seguintes:

“... enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim nem Maomé, nem Lutero...”

“... recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaídes o recebam com os mais divinos coros... provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto...”

“... as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para a minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...”

“...Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou aos negócios mais altos...”

“... fraude era chamada de braço esquerdo do homem; o direito era a força; e concluía: Muitos são canhotos; eis tudo...”

“... o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo...”

“... o pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado...”

“... é a eterna contradição humana...”

a ironia maior de Machado é nos incluir neste seu mundo de profundas convulsões interiores que aparecem timidamente na calma superfície que, convencionalmente, nos parece ser a vida. Os silêncios são terríveis: as histórias escondem um segredo qualquer, uma palavra ou gesto que é impossível precisar qual seja, mas que sabemos, quebraria o encanto, espatifaria o espelho das convenções e poria os personagens ao lado de sua própria realidade. Talvez seja a “lição” (ou sentido) mais contundente de Machado, o silêncio que há no meio das falsidades, das frases vazias e sonoras, desse mundo oco e inautêntico de escravidão e pancadas onde vivem seus personagens. No fundo da calma superfície de despreocupação aparente, esconde-se a agulhão de uma lucidez desesperada. (AGUIAR, 1976, p.8).

Machado diz muito nas entrelinhas dos seus textos, no silêncio que tortura, ao mesmo tempo em que escancara tanto, basta uma compreensão exata, basta um conhecimento sobre o assunto abordado. Por trás da sua falsa despreocupação com o que o cerca, há histórias verídicas, provocações, verdades por trás das suas ironias, a realidade dita de uma maneira que parece ser engraçada, mas que corta os que são atingidos por suas palavras.

O conto é marcado pelo pessimismo com que o autor encara a essência humana, trazendo um humor trágico e amargo. A “Igreja do Diabo” traz a simbologia machadiana e apesar de ser chamado por alguns como uma fábula, extrapola esses limites fabulosos, visto que o diálogo não acontece entre personagens irracionais, mas entre divindades: Deus e o Diabo.

O Diabo, querendo fundar uma Igreja em seu nome para confrontar os princípios de Deus, diz em determinada parte do conto que não seria difícil atrair fiéis, já que “*o preço do céu era demasiadamente alto*”. Apenas nesse trecho já é possível encontrar a crítica mesclada de ironia machadiana, visto que, fazendo uma análise da igreja católica naquela época, era quase impossível que uma pessoa se comportasse conforme a igreja pedia.

Logo no primeiro capítulo do conto, o autor cita o manuscrito beneditino, fugindo da responsabilidade do que será escrito, algo bem típico da linguagem irônica: “*Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja...*”. Essa ideia do Diabo era mais do que combater a Igreja, mas destruí-la. Contudo, ele não imagina a decepção que sofrerá vendo seus fiéis agindo igualmente aos fiéis de Deus, devido a natural contradição humana. Essa situação, a inversão de valores, caracteriza a ironia no texto. Ao questionar a Deus o porquê dos fiéis ainda realizarem boas ações às escondidas, Deus responde: “Que queres tu? É a eterna contradição humana”.

O Diabo afirma que a sua Igreja seria um sucesso porque seria contrária a tudo o que o cristianismo pregava, ou seja, qualquer pessoa que não concordasse com a menor coisa imposta pela igreja católica, iria frequentar a sua igreja. A ideia do diabo é criar tudo de acordo com o que já existe na Igreja católica, porém sob o viés da negação. Isso fica claro no trecho abaixo:

Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única, não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há um só de negar tudo [...].

O diabo decide então comunicar a sua ideia a Deus, esse diálogo está presente no capítulo II do conto, e ao se dirigir ao Diabo, Deus está com “olhos cheios de doçura” e é chamado de “mestre”; nota-se nesse momento a admiração existente entre os dois, expresso no diálogo a seguir: “*Sabes o que ele fez? perguntou o senhor, com os olhos cheios de doçura [...] Tens razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres*”.

No capítulo III, no momento em que o Diabo comunica a sua decisão a Deus, faz provocações ao supremo e com tom irônico e dissimulado diz que decidiu comunicá-lo

porque não gostaria de ser visto como desleal. Entre as provocações, destaco esta: *“Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis às rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura. [...]”*

O final do conto, no capítulo IV, mostra o triunfo do diabo ao fundar a sua Igreja, ao mesmo tempo em que narra a sua frustração diante do comportamento transgressor dos seus fiéis e, conseqüentemente, o declínio do seu poder. Diante disso, ele tenta projetar em Deus a culpa de tudo, comprovando que o ser humano é insatisfeito: ele quer sempre mais e mais.

Vemos no conto que o Deus descrito por Machado se comporta de maneira irônica tanto quanto o seu grande rival. Isso fica perceptível especialmente na fala de Deus ao final do conto, quando se vangloria do que tinha acontecido com o Diabo, diferentemente do que esperamos do ser perfeito que é o criador: *“As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.”*

6 CONCLUSÃO

O conto “A igreja do Diabo” desperta muitas reflexões acerca de temas como religião, a essência da humanidade e a sociedade da época. Enfoca explicitamente a relação Deus/religião, homem/razão. Machado de Assis, com a sua maneira peculiar de falar sobre a realidade, apresenta um diálogo entre Deus e o Diabo; o Diabo decidido a fundar uma igreja com leis completamente contrárias às leis divinas, se frustra ao conhecer a dualidade humana, a contradição que faz o ser humano ser bom e mau ao mesmo tempo.

O autor apresenta um conto moralizante, misturado à ironia e à intertextualidade. No conto fica evidente o pessimismo de Machado em relação ao ser humano e a sua crítica pesada à todas as religiões, visto que na visão dele, elas comercializam a fé através do conceito religioso, vendem a mesma ideologia: a salvação. Apesar de uma maneira considerada até mesmo cruel, o conto nos traz um resultado extremamente satisfatório, nos levando a analisar questões muito relevantes, porém, de uma maneira cômica.

Com essa pesquisa, pretendeu-se identificar o recurso da ironia no conto machadiano, demonstrando a visão de Machado de Assis sobre o embate entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo, numa forma de esclarecer também a eterna contradição da humanidade. Machado deixa explícita a sua crítica a qualquer religião, na medida em que através das suas práticas religiosas tornam os fiéis obedientes e dependentes das suas leis; o autor não desmistifica a visão que temos sobre o Diabo, visto que ele continua sendo o rival de Deus e tendo as

mesmas características descritas na Bíblia: sedutor, ambicioso, manipulador, fonte do mal, etc.

Machado de Assis nos leva a dialogar com as situações do seu tempo, atualizando trechos da Bíblia a seu modo. A análise do conto nos permite compreender a complexidade humana, a oscilação entre o bem e o mal sem nenhuma explicação para tal. Essa oscilação que não foi entendida pelo Diabo, mas foi aceita por Deus como algo que faz parte da natureza humana.

Os estudos acerca do conto “A igreja do Diabo”, não se limitam. Há muito ainda o que dizer sobre um texto que, apesar de curto, nos leva a inúmeras interpretações e questionamentos. Só a riqueza de conhecimento de um autor tão à frente do seu tempo para fazer com que suas obras continuem formando opiniões e sirvam como fontes de pesquisa para outros estudos mesmo depois de tantos anos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, F. Murmúrios no espelho. In: ASSIS, Machado de. **Contos**. São Paulo: Ática, 1976.
- ASSIS, Machado de. A Igreja do Diabo. In: Assis, Machado de. **Histórias Sem Data (1884/1994). Obra Completa, de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. p 2-7. Vol. II. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contos/macn004.pdf>. Acesso em: 25/09/2017.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Unicamp, 2008.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Machado de Assis**. São Paulo: Scipione, 1995.
- COELHO, Eduarda de Souza e Silva. **Análise do conto A Igreja do diabo, de Machado de Assis**. Teoria Literária, 2009. Disponível em: <http://teorialiterariaufjf.blogspot.com.br/2009/06/analise-do-conto-igreja-do-diabo-de.html>. Acesso em: 20/09/2017.
- ESTEVES, J. M. **Ironia e argumentação**. Covilhã: LabCom, 2009.
- FERRAZ, Maria de Lourdes. **A ironia romântica – estudo de um processo comunicativo**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- FREUD, Sigmund. (1996). **O mal-estar na civilização** (J. O. A. Abreu, Trad.). In J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. XXI, pp. 67-150). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930)
- FREUD, Sigmund (1912/2013). **Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos**. (1ª ed.) São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- LETTIERI, Flávio. **O ser humano é bom ou mal em sua essência?** Artigos, 2014. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/o-ser-humano-e-bom-ou-mau-em-sua-essencia/78520/>. Acesso em: 15/10/2017.
- LOPEZ, Luiz Roberto. **Cultura Brasileira de 1808 ao pré-modernismo**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Universidade Federal RS, 2004.
- MUECKE, Douglas Colin. **Analyses de l'ironie. Poétique**, Paris, n. 36, p. 478-494, nov. 1995.
- NESTROVSKI, Arthur. **Ironias da Modernidade**. São Paulo: Ática, 1996.
- PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.

SILVA, A. F. de O. e. **O gênero discursivo “propaganda televisiva”: interações verbais na perspectiva bakhtiniana.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.